

## SUMÁRIO

*Advertência* XV

### *Primeira Parte*

#### OS ÚLTIMOS DESENVOLVIMENTOS E A DISSOLUÇÃO DA ESCOLA PERIPATÉTICA E DAS GRANDES ESCOLAS HELENÍSTICAS

*Primeira seção* — A redescoberta dos esotéricos de  
Aristóteles, o neo-aristotelismo e os limites do seu  
alcance histórico-filosófico

- I. *O bissecular eclipse do Perípato na era helenística* 7
1. Lícon — 2. Jerônimo de Rodes — 3. Aristo de Céos — 4.  
Critolau de Faslide — 5. Diodoro de Tiro
- II. *A redescoberta dos escritos “esotéricos” de Aristóteles, a  
grande edição de Andrônico de Rodes e o lento renascimento  
da filosofia aristotélica no século I a.C.* 12
1. As vicissitudes dos escritos “esotéricos” de Aristóteles e a  
sua publicação — 2. Os critérios seguidos por Andrônico na  
sua edição do *Corpus Aristotelicum* — 3. Exponentes e ten-  
dências da filosofia peripatética no século I a.C.
- III. *O novo curso do aristotelismo nos dois primeiros séculos da  
era cristã* 26
1. Consolidação e difusão do comentário aos esotéricos — 2.  
Influências platônicas e médio-platônicas sobre os peripatéti-  
cos da era cristã

IV. <i>O neo-aristotelismo de Alexandre de Afrodísia</i>	<b>34</b>
1. Os fundamentos da ontologia de Alexandre e o seu significado — 2. A doutrina do “Nous” e a sua novidade — 3. A presença de uma componente mística na metafísica de Alexandre	
<i>Segunda seção — Os últimos testemunhos dos seguidores da filosofia do jardim e o discurso de Epicuro inscrito sobre pedra</i>	
I. <i>Revivescência do epicurismo nos dois primeiros séculos da era imperial</i>	<b>47</b>
1. Testemunhos da validade e da difusão da filosofia do Jardim na era imperial — 2. A permanente estabilidade dogmática do epicurismo e a acentuação do seu caráter de religião leiga — 3. O prestígio adquirido por Epicuro e pelos epicuristas na época imperial	
II. <i>Diógenes de Enoanda</i>	<b>55</b>
1. O pórtico mandado construir por Diógenes de Enoanda e a sua finalidade — 2. A exposição das doutrinas físicas — 3. A exposição da ética	
III. <i>Dissolução do epicurismo</i>	<b>60</b>
<i>Terceira seção — O renascimento da filosofia do pórtico em Roma e o neo-estoicismo</i>	
I. <i>A última fase do pórtico</i>	<b>63</b>
1. A vitalidade e a difusão do estoicismo na era imperial — 2. Características do neo-estoicismo	
II. <i>Sêneca</i>	<b>68</b>
1. Características do pensamento de Sêneca — 2. Deus e o divino — 3. A concepção do homem — 4. A consciência — 5. A vontade — 6. O sentido do pecado — 7. A igualdade de todos os homens e o amor recíproco — 8. As presumíveis relações de Sêneca com Paulo	

SUMÁRIO	VII
III. <i>Musônio Rufo</i>	85
1. A acentuação do aspecto prático da filosofia — 2. O exercício como atuação da virtude e do bem — 3. Novos aspectos	
IV. <i>Epicteto, o escravo filósofo</i>	91
1. Características do estoicismo de Epicteto — 2. O princípio fundamental da ética de Epicteto — 3. Uma tripartição da filosofia de relevância ética — 4. A <i>proairesis</i> ou opção moral fundamental — 5. O novo sentimento do divino — 6. O parentesco do homem com Deus e a fraternidade dos homens — 7. Louvor a Deus	
V. <i>Marco Aurélio, o imperador filósofo</i>	109
1. Características do estoicismo de Marco Aurélio — 2. O fluxo cósmico e a caducidade de todas as coisas — 3. Reafirmação do monismo panteísta estóico — 4. Nova antropologia: o homem como corpo, alma e mente — 5. O refúgio na interioridade — 6. Espírito novo	
VI. <i>A dissolução da filosofia do pórtico</i>	125
<i>Quarta seção — O renascimento do pirronismo e o neoceticismo</i>	
I. <i>Enesídemo e o repensamento do Pirronismo</i>	131
1. Os motivos do renascimento do pirronismo e as suas características — 2. Os dez “tropos”, ou a tábua das supremas categorias da dúvida — 3. A negação da verdade, do princípio de causalidade e da possibilidade da inferência metaempírica — 4. As relações entre o ceticismo de Enesídemo e o heraclitismo — 5. Idéias morais	
II. <i>Agripa e os desenvolvimentos do neoceticismo</i>	157
1. Os céticos posteriores a Enesídemo — 2. A nova tábua dos <i>tropos</i> de Agripa — 3. Significado da nova tábua dos <i>tropos</i>	
III. <i>Sexto empírico e os últimos desenvolvimentos do Ceticismo Antigo</i>	163
1. Breve caracterização dos enfoques da medicina grega particularmente relacionados com o enfoque empírico — 2. Menódoto	

entre medicina empírica e ceticismo — 3. O novo plano sobre o qual Sexto Empírico reformula o ceticismo — 4. A vida sem dogmas, ou a vida sem filosofia segundo Sexto Empírico — 5. A crítica sistemática de Sexto Empírico a todas as ciências e à filosofia	
IV. <i>O esgotamento do ceticismo</i>	<b>181</b>
<i>Quinta seção — Revivescência do cinismo</i>	
I. <i>O renascimento do cinismo na era imperial e as suas características</i>	<b>187</b>
II. <i>A corrente estoicizante e religiosa do cinismo da era imperial</i>	<b>190</b>
1. Demétrio — 2. Díon Crisóstomo	
III. <i>A corrente do cinismo na era imperial inspirada no antigo radicalismo contestador</i>	<b>198</b>
1. Enomau de Gadara — 2. Demônates — 3. Peregrino Proteu	
IV. <i>O cinismo imperial como fenômeno de massa e suas contradições internas</i>	<b>206</b>

*Segunda Parte*

A REDESCOBERTA DO INCORPÓREO  
E DA TRANSCENDÊNCIA

*Primeira seção — Filo de Alexandria e a “filosofia mosaica”*

I. <i>Gênese, componentes e problemas fundamentais da filosofia de Filo de Alexandria</i>	<b>217</b>
1. A gênese do pensamento filoniano e o seu papel na história da filosofia antiga — 2. A componente helênica — 3. A componente hebraica — 4. O alegorismo filoniano e os seus precedentes gregos e hebraicos	
II. <i>Filo e o prelúdio de uma grande virada do pensamento ocidental</i>	<b>229</b>
1. A primeira formulação do problema das relações entre a Revelação divina e a filosofia, ou seja, entre a fé e a razão —	

2. Rumo à ruptura dos quadros helenísticos do saber filosófico: a ascensão da teologia ao primeiro plano e a proclamação do primado da “sapiência” (σοφία) sobre a “sabedoria” (φρόνησις)	
<b>III. <i>A metafísica, a teologia e a ontologia de Filo</i></b>	<b>235</b>
1. A superação dos pressupostos materialistas e imanentistas dos sistemas helenísticos e a reafirmação do incorpóreo e da transcendência — 2. A nova concepção de Deus — 3. A primeira formulação filosófica da doutrina da criação — 4. A doutrina do “Logos” — 5. A doutrina das “Potências” — 6. A doutrina das Idéias e a reforma filoniana — 7. As almas sem corpo e os Anjos	
<b>IV. <i>A antropologia e a moral de Filo</i></b>	<b>257</b>
1. Nova concepção da natureza do homem, ou o homem em três dimensões — 2. A superação do intelectualismo ético da filosofia grega e a proclamação da fé como suprema virtude — 3. O itinerário para Deus, a união mística com Ele e o êxtase	
<i>Segunda seção — O médio-platonismo e a redescoberta da metafísica platônica</i>	
<b>I. <i>Gênese, características e expoentes do médio-platonismo</i></b>	<b>271</b>
1. As últimas vicissitudes da Academia e as origens do médio-platonismo — 2. Características gerais do médio-platonismo — 3. Expoentes e tendências do médio-platonismo — 4. A importância histórica e teórica e os limites do médio-platonismo	
<b>II. <i>A metafísica do médio-platonismo</i></b>	<b>289</b>
1. O ser incorpóreo, Deus e a sua transcendência — 2. As Idéias como pensamentos de Deus e a distinção entre inteligíveis primeiros ou Idéias transcendentais e inteligíveis segundos ou formas imanentes às coisas — 3. A hierarquia do divino: rumo à doutrina das hipóstases — 4. A cosmologia médio-platônica: a matéria e a origem do cosmo — 5. A demonologia médio-platônica	

III. <i>A antropologia e a ética do médio-platonismo</i>	<b>310</b>
<p>1. O fim supremo do homem e a assimilação a Deus — 2. A natureza espiritual do homem e a concepção dualista de alma e corpo — 3. A tábua dos valores e a virtude — 4. A ética médio-platônica e a ética estóica</p>	
<p><i>Terceira seção</i> — O renascimento da filosofia pitagórica, as suas fases sucessivas e a fusão final entre neopitagorismo e médio-platonismo</p>	
I. <i>Os documentos, os expoentes, as correntes e as características do pitagorismo da era helenística e da era imperial</i>	<b>321</b>
<p>1. As vicissitudes da escola pitagórica — 2. As falsificações da era helenística e imperial de escritos atribuídos a antigos pitagóricos, a sua gênese e o seu provável significado — 3. Os relatos doxográficos extraídos de pitagóricos dos quais é referido o nome — 4. Os novos pitagóricos que se apresentam com os seus nomes — 5. Características do pitagorismo das eras helenística e imperial</p>	
II. <i>Os fundamentos doutrinários do neopitagorismo</i>	<b>342</b>
<p>1. A recuperação do incorpóreo e a reafirmação do seu primado ontológico — 2. O significado metodológico, metafísico e teológico dos números no neopitagorismo — 3. A doutrina dos princípios supremos da Mônada e da Díade e a tentativa de dedução de toda a realidade de uma Unidade suprema — 4. O ideal místico da vida humana</p>	
III. <i>Numênio de Apaméia e a fusão entre o neopitagorismo e o médio-platonismo</i>	<b>358</b>
<p>1. A posição filosófica de Numênio — 2. A proclamação da absoluta preeminência do incorpóreo — 3. A estrutura do ser incorpóreo e a doutrina dos três Deuses — 4. A doutrina neopitagórica da Mônada e da Díade no contexto da ontologia numeniana — 5. A matéria, a alma má e a alma boa — 6. Numênio nos propileus do neoplatonismo</p>	

*Quarta seção — Os escritos herméticos  
e os oráculos caldaicos*

- I. *O fenômeno do hermetismo e os seus diferentes aspectos* **375**
1. Hermes Trimegisto e a literatura hermética — 2. As características fundamentais do hermetismo — 3. Deus, a hierarquia do divino, a gênese do cosmo e do homem no *Corpus Hermeticum* — 4. O Intelecto, o conhecimento e a salvação — 5. O êxtase e a escatologia no hermetismo
- II. *Os “Oráculos Caldaicos” e a sua importância histórica* **388**
1. A gênese dos “Oráculos Caldaicos” — 2. As doutrinas filosóficas dos “Oráculos Caldaicos” — 3. A sapiência mágica e a teurgia dos “Oráculos Caldaicos”